

ARTIGO ORIGINAL

O DISCURSO DA VELHICE E DO ENVELHECIMENTO DE UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO EM UM MUNICÍPIO DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS

THE DISCOURSE OF OLD AGE AND AGING FROM THE ELDERLY LIVING CENTER IN A MUNICIPALITY IN THE ZONA DA MATA OF MINAS GERAIS

Ivani Soleira Gomes¹ Simone Caldas Tavares Mafra² Mônica Santos de Souza Melo³ Nilton Bahlis dos Santos⁴ Mariana de Paula Oliveira⁵ Sara Maria Lopes Salgado⁶

¹ Graduada em Tecnologia em Cooperativismo. Doutora em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa. Tecnóloga em Cooperativismo da Universidade Federal de Viçosa, vinculada à Pró-reitoria de Extensão e Cultura. E-mail: isoleira@gmail.com

² Graduada em Economia Doméstica. Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Titular da Universidade Federal de Viçosa, vinculada ao Departamento de Serviço Social. E-mail: sctmafra@ufv.br

³ Graduada em Letras. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003) e Pós-Doutorado em Estudos Linguísticos. Professora Titular da Universidade Federal de Viçosa, vinculada ao Departamento de Letras e Artes. E-mail: monicamelo@ufv.br

⁴ Graduado em Arquitetura. Doutor em Ciência da Informação. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. E-mail: niltonbdossantos@gmail.com.

⁵ Graduada em Economia Doméstica e Serviço Social. Doutoranda em Economia Doméstica pelo programa de pós-graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: mariana.p.oliveira@ufv.br

⁶ Graduada em Educação Física (Bacharel e Licenciatura). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Nutrição e do Esporte e Metabolismo (PPG-CNEM) da Universidade Estadual Paulista (UNICAMP). Mestre em Economia Doméstica. Professora do Centro Universitário Campo Limpo Paulista. E-mail: sara.salgado.efi@gmail.com

Resumo

Esse artigo teve como objetivo analisar o discurso do envelhecimento e da velhice manifestados no portfólio produzido por um Centro de Convivência do Idoso em uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais. O estudo foi sustentado pela Teoria Semirolinguística de Patrick Charaudeau. A análise discursiva evidenciou as contradições que envolvem as discussões acerca do envelhecimento na sociedade de um modo geral. De um lado, constatou-se que o documento dá eco a um discurso que reconhece, compreende e dá voz às concepções de envelhecimento e velhice veiculados em artigos científicos, em legislação nacional e pelos organismos como OPAS e OMS. Esse fato contribui para construção de um discurso no qual o envelhecimento e a velhice são ressignificados por meio de socialização, oportunidades de aprendizado, prática do lazer e atividades físicas ou culturais distribuídos nas diversas oficinas e espaços educativos. Mas, por outro lado, também recorre aos discursos produzidos no cotidiano, fundamentados basicamente nos saberes de crença, os quais reverberam uma visão do envelhecimento que desconsidera o seu aspecto biopsicossocial e multifatorial. Dessa forma, então, reproduz um discurso social da velhice e envelhecimento no qual ecoam imaginários sociodiscursivos caracterizados pela doença, dependência, isolamento social, incapacidade, inatividade, perdas e um apagamento da dimensão heterogênea e particular da experiência da velhice.

PALAVRAS-CHAVE

Envelhecimento ativo. Centro de convivência de idosos. Pessoas idosas.

Abstract

The aim of this article was to analyze the discourse of aging and old age as manifested in the portfolio produced by a Senior Citizens' Living Center of a town in the Zona da Mata of Minas Gerais. The study was supported by Patrick Charaudeau's Semirolinguistic Theory. The discursive analysis highlighted the contradictions surrounding discussions about ageing in society in general. On the one hand, the document echoes a discourse that recognizes, understands and gives voice to the conceptions of aging and old age conveyed in scientific articles, in national legislation and by organizations such as PAHO and WHO. This contributes to the construction of a discourse in which ageing and old age are re-signified through socialization, learning opportunities, leisure activities and physical or cultural activities distributed in the various workshops and educational spaces. But, on the other hand, it also resorts to the discourses produced in

everyday life, based basically on the knowledge of belief, which reverberate a view of ageing that disregards its biopsychosocial and multifactorial aspect. And, in this way, it reproduces a social discourse on old age and ageing in which sociodiscursive imaginaries characterized by illness, dependence, social isolation, incapacity, inactivity, loss and an erasure of the heterogeneous and particular dimension of the experience of old age echo.

KEYWORDS

Active aging. Senior center. Elderly person.

1 Introdução

O envelhecimento¹ da população é um fenômeno mundial relativamente recente impulsionado pelo incremento da expectativa de vida de um lado e pela redução nas taxas de fecundidade de outro e, até 2050, esse grupo representará 16% da população mundial. Os países vivenciam este fenômeno de maneiras distintas, enquanto as nações desenvolvidas tiveram mais tempo para se preparar para as implicações sociais e econômicas, beneficiados por melhores níveis de bem-estar social (Barbosa *et al.*, 2017), os países de média e baixa renda como o Brasil, países do Caribe, da América Latina, parte dos países da África e da Ásia, não o tiveram, mas contribuirão de forma significativa para o incremento dessa faixa etária (ONU, 2019).

No Brasil, espera-se que o número de pessoas idosas triplique em pouco mais de quatro décadas, representando um quarto da população projetada (Felix, 2018). A rápida transição demográfica brasileira ocorreu paralelamente às mudanças no perfil epidemiológico e nutricional, com o predomínio das doenças crônicas não transmissíveis, em detrimento das infectocontagiosas, como causa da mortalidade (Moura; Veras, 2017) revela-se o desafio de garantir qualidade (QV) de vida ao indivíduo nessa etapa da vida (Veras, 2012).

A QV, especialmente para esse contingente populacional, relaciona-se com a capacidade de administrar a própria vida com autonomia e, por sua vez, com a saúde. Por isso, a defesa de que a promoção da saúde e a manutenção da capacidade funcional devem compor qualquer política social e de saúde, visto que são preditoras de saúde dos idosos (Veras, 2012).

A velhice deve ser compreendida na perspectiva do curso de vida (Santos; Tonhom; Komatsu, 2016) sendo determinado pelos aspectos biológicos e sociais, como herança genética, estilo de vida, acesso aos recursos materiais e imateriais no processo do desenvolvimento humano (Schneider; Quarti Irigaray, 2008; Gonçalves, 2015). A presença ou não de doença não obedece ao simples determinismo, envelheceu/adoeceu, mas se relaciona aos eventos aos quais os indivíduos foram expostos ao longo da vida (OMS, 2015), ainda que a idade seja apontada como fator de risco para a maioria das doenças crônico-degenerativas que acometem a população idosa. Assim, os estudos devem considerar o seu caráter universal, heterogêneo, dinâmico e multifacetado; os aspectos fisiológicos, psicológicos, sociais e culturais; a vinculação compulsória com doença; e a fragilidade da demarcação cronológica (Santos, 2013; Beauvoir, 1990; Bortz, 1995).

A compreensão de que a saúde é um determinante importante para obtenção de QV e para a manutenção de uma vida ativa tem direcionado ações de organismos internacionais como a OMS e a OPAS, entre outros, a fim de construir um cenário favorável à população envelhecida (Yamamoto, 2010). Essa preocupação é

¹ Aqui torna-se necessário ressaltar que os termos velhice e envelhecimento são comumente tidos como sinônimos, porém neste trabalho tem-se a última etapa da vida do sujeito nomeada como velhice, sendo o envelhecimento o processo até a chegada dessa etapa final.

explicitada no documento “Envelhecimento Ativo: Uma Política de Saúde”, no qual a velhice é compreendida como um período de oportunidades para participação social, de modo que a pessoa idosa mantenha seus vínculos familiares e comunitários (Pedro, 2013).

Originalmente, a estrutura política para o envelhecimento ativo (EA) era sustentada por ações nos pilares “participação”, “saúde” e “segurança”, posteriormente, foi acrescido o pilar da “aprendizagem ao longo da vida” (CILB, 2015) para a construção de políticas direcionadas ao envelhecimento com QV. Ele propõe a criação de ambientes como centros de convivência que favoreçam a convivência, a participação social, a aprendizagem e a saúde, como forma de promoção de uma velhice com QV.

Por isso, em diversos países, os centros de convivência vêm desenvolvendo ações com a população envelhecida para oferecer atividades educativas, promotoras de saúde e socializadoras, com o intuito de contribuir com processo de envelhecimento dos indivíduos e da comunidade (Yamaguchi *et al.*, 2018). No Brasil, o Serviço Social do Comércio (Sesc) inaugura esse tipo de trabalho, seguido pelas universidades, a partir dos anos 1980, por meio de ações nas áreas do ensino, saúde e lazer (Moura; Veras, 2017). No âmbito da Política Nacional de Assistência Social, os centros de convivência integram a esfera do serviço social de proteção básica, sendo parte do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), conforme previsto na Resolução Nº 109/2009 (Brasil, 2012).

Os centros de convivência se colocam como um serviço relevante, graças à oferta de serviços de alimentação, saúde, socialização, lazer, cidadania e educação que buscam desenvolver a autonomia e, assim, impactar favoravelmente a QV da população envolvida (Giunta *et al.*, 2012; Martins; Casetto; Guerra, 2019). Assim, o presente estudo teve como objetivo reconhecer e analisar o discurso do envelhecimento e da velhice manifestos no portfólio produzido por um Centro de Convivência do Idoso (CCI) de uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais.

2 Suporte teórico-metodológico

Esse estudo de caráter qualitativo, foi realizado por meio de coleta de dados em fonte documental, produzido por um CCI de uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais. Esta opção justifica-se pela relevância na política de atenção à população de pessoas idosas, pois é um espaço de convivência que objetiva a promoção do envelhecimento ativo e saudável. Os dados foram obtidos em agosto de 2019, em um material impresso (portfólio), constituído por 38 páginas com textos, figuras e fotografias. As análises tiveram como suporte teórico-metodológico a Análise do Discurso de Patrick Charaudeau², a Teoria Semiociológica (TS).

Nessa teoria, a linguagem é uma forma dos sujeitos atuarem na vida social e o discurso é produzido na interação entre os sujeitos, no qual o efeito de sentidos é alcançado a partir do uso de palavras sócio-historicamente referenciadas. Assim, o discurso se insere numa dada realidade social e a sua compreensão pressupõe o entendimento do contexto e da situação de comunicação na qual se desenvolve (Charaudeau, 2005).

Além disso, de acordo com autor supracitado, para que a comunicação se concretize, é necessário um entendimento mútuo entre os sujeitos envolvidos no ato de linguagem. Esse entendimento implica na definição das condições que moldam o discurso, visando viabilizar a efetividade ao ato de fala. Nesta mesma linha de raciocínio, Charaudeau (2014) aduz que por ele, é possível antever o conhecimento compartilhado entre os sujeitos envolvidos no ato de comunicação e, ainda, observar o reconhecimento mútuo desses sujeitos.

O discurso é o lugar no qual se organizam os saberes de crença e o conhecimento, presentes nas práticas sociais para explicar o mundo. Portanto, o discurso expressa formas de ver e significar o mundo, por meio da

² Patrick Charaudeau é um linguista que desenvolveu a Teoria Semiociológica (TS) que combina elementos de semântica, pragmática, linguística textual e análise do discurso para estudar como a linguagem é utilizada para construir significados em diferentes contextos comunicativos.

engrenagem das representações fundamentadas nesses saberes. Essas representações darão origem ao imaginário, que segundo Charaudeau (2011, p. 203), é “uma imagem da realidade, mas a imagem que interpreta a faz entrar em um universo de significações”. Quando esse imaginário é compartilhado e veiculado por um grupo social, dizemos se tratar dos imaginários sociodiscursivos. Tais imaginários são construídos na medida que as representações sociais (baseadas em saberes de crença e de conhecimento) passam a circular por meio dos discursos narrativos e argumentativos, para explicar o mundo (Charaudeau, 2011; 2017).

No que diz respeito a compreensão do discurso, pode-se afirmar que os conhecimentos e saberes resultam das representações e das práticas sociais, sendo distinguidos em saberes e crença, intrinsecamente ligados com a visão de mundo do sujeito, os quais não podem ser empiricamente comprovados, e de conhecimento, que impõem uma verdade independente da subjetividade do sujeito, almejando ser neutros e impessoais além de serem passíveis de verificação (Charaudeau, 2017).

3 O discurso da velhice e do envelhecimento, no Centro de Convivência do Idoso de uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais

3.1 Texto *versus* discurso no portfólio do Centro de CCI de uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais

A partir da TS, entendemos o portfólio (que será analisado em questão) como um discurso, pois comporta mais que um texto, ou seja, consideramos como transbordamento do texto, constituindo-se de elementos do contexto no qual foi produzido. Também o percebemos como um discurso produzido em um determinado contexto com uma finalidade específica, envolvendo sujeitos historicamente marcados, que exercem influência uns sobre os outros, com lugares e papéis sociais distintos e portadores de expectativas particulares. O portfólio foi produzido por agentes públicos da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, no período de outubro de 2018 a outubro de 2019, para divulgar as ações para a comunidade do centro, visitantes e autoridades municipais, durante as comemorações da Semana do Idoso e ao longo do ano.

O documento de 38 páginas tem funções que extrapolam a descrição, identifica o centro, a equipe e as atividades, além de apresentar seus objetivos, o que demonstrou a sua visão de velhice e da pessoa idosa, destacando os benefícios das atividades ali desenvolvidas. Percebemos a finalidade explicativa e de convencimento do que seria uma boa experiência de velhice, descrita a partir de discursos da área de saúde que se apresentam como dispositivo promotor de um bom envelhecer, no qual os idosos são retratados sempre em momentos festivos, integrativos e ativos, por meio das atividades ali desenvolvidas.

O portfólio apresenta as atividades desenvolvidas ao mesmo tempo que aponta para um modelo de envelhecimento a ser perseguido, para tal, utiliza de recursos linguísticos constitutivos da encenação discursiva, conforme excerto abaixo:

Busca promover um espaço de convivência entre as pessoas idosas, visando o envelhecimento ativo e saudável, potencializando a participação da pessoa idosa na sociedade, fortalecendo os vínculos, a relação das pessoas idosas com a família, com a comunidade, prevenindo, assim, riscos sociais, como isolamento, segregação, violência, entre outras situações de risco (CCI, 2019, p.6).

Verificamos um esforço em caracterizar o Serviço de Fortalecimento de Vínculos para as pessoas idosas como promotor do envelhecimento ativo, conforme descrito nos termos apresentados pela OMS. Há aqui uma descrição objetiva do envelhecimento, pautada na ciência, expressando a retomada de outros discursos como forma de legitimar as ações do centro, proporcionando um efeito de legitimidade ao documento. Esse excerto está estrategicamente localizado, aparecendo depois de um parágrafo que define o que é ser uma pessoa idosa e antes de um texto que traz objetivos do SCFV.

Essa disposição pode cumprir o papel de preparar o interlocutor para as “cenar do próximo capítulo e para

o grande final”, funcionando como um prelúdio para os desenvolvimentos subsequentes, culminando no posicionamento do centro como um agente promotor de uma velhice com QV.

3.2 Encenação do ato da linguagem

A organização da encenação do ato de linguagem se dá em função de um objetivo, definido por meio da expectativa de sentido, no qual os sujeitos terão que responder a indagação “estamos aqui para dizer o que?” (Charaudeau, 2013). Essa encenação é constituída de um explícito e de um implícito, no qual o primeiro diz respeito à situação de comunicação, ao lugar do *fazer psicossocial* e o segundo se refere ao como dizer, isto é, às estratégias para a encenação do ato de linguagem (Charaudeau, 2001). No documento analisado, constatamos um discurso que cumpre a finalidade de propagar as atividades do CCI em prol do Envelhecimento Ativo.

Ainda, a encenação do ato de linguagem diz respeito à relação entre os sujeitos envolvidos, os saberes partilhados, as expectativas entre os sujeitos, “quem é o sujeito que fala” e “com quem ele fala” (Charaudeau, 2013). Temos, então, o CCI como sujeito comunicante, enquanto as pessoas, com acesso ao portfólio, configuram-se como sujeitos interpretantes. O sujeito enunciador, a coordenadora do CCI, dirige-se aos destinatários sendo estes os frequentadores, visitantes do centro e autoridades municipais.

O propósito da encenação do ato de linguagem orienta a construção do ato de comunicação para o domínio do saber e deve responder à pergunta “do que se trata?” e diz respeito ao reconhecimento de um discurso sobre determinado tema (Charaudeau, 2013). Assim, o propósito do portfólio é a defesa do CCI como *lócus* de promoção do EA e saudável, fundamentado no paradigma da promoção da saúde, que concebe saúde como uma produção social e, dessa forma, a ênfase recai sobre determinantes socioeconômicos, além de estimular o compromisso político e as transformações sociais (Brasil, 2002).

O ato de comunicação é constituído pelas circunstâncias materiais ou pelo dispositivo no qual se desenvolve (Charaudeau, 2013). É definido em função das perguntas “em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?” (Charaudeau, 2013, p. 70). Então, o portfólio foi produzido no CCI, pela coordenação, em um único volume, para ser consultado pelos visitantes e participantes do CCI, durante as festividades da Semana do Idoso, no período de 1º a 4 de outubro de 2019. Tal material é composto por capa e pelas sessões: Apresentação da equipe; O que é ser pessoa idosa hoje; Descrição do SCFV; Serviços oferecidos no CCI - Oficinas de esporte, lazer, arte e cultura (SCFV) e Referências Bibliográficas.

3.3 Os modos de organização e as estratégias discursivas.

Na esfera discursiva do portfólio, verificamos a inexistência de oportunidade para interação, pois os parceiros não estão presentes fisicamente, destacando, assim uma situação de comunicação monológica. Em função disso, não há interação entre o locutor e o interlocutor, impossibilitando captar o seu comportamento. O locutor dispõe as palavras progressivamente, de forma hierarquizada e lógica, a fim de cumprir o propósito da comunicação (Charaudeau, 2014).

Uma vez identificado o caráter monológico do discurso em questão, interessa-nos conhecer as estratégias que viabilizarão o ato discursivo. Estas são definidas a partir dos modos de organização do discurso: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Esses modos atuam colaborativamente na produção discursiva, isto é, um mesmo discurso pode se valer das estratégias dos quatro modos. Nesse sentido, destacamos que os modos descritivo, narrativo e argumentativo têm suas encenações influenciadas pelo enunciativo (Charaudeau, 2014), como percebido na análise em discussão, visto que há uma mobilização para influenciar a percepção acerca do bom envelhecimento e para evidenciar o papel de protagonista do CCI nesse processo. O enunciativo “comanda” a encenação dos outros modos, conforme descrito por Charaudeau (2014).

Portanto, o locutor expressa seu ponto de vista, simulando uma situação dialógica, por meio de um possível envolvimento com algum interlocutor, na qual a expressão “trazer para o diálogo” é uma estratégia de convencimento, pois a situação comunicativa é monologal. Também observamos um comportamento

elocutivo no discurso, pois o locutor passa o seu ponto de vista sobre o fenômeno, sem envolver o interlocutor, e o revela por meio dos pontos de vista: do “modo de saber”, de “avaliação”, de “motivação”, de “engajamento” e de “decisão” (Charaudeau, 2014). Enfim, cada um desses pontos de vista vai acionar uma determinada modalização. No caso em estudo, é pela constatação que o sujeito enunciatador demonstra conhecimento sobre o processo de envelhecimento e as suas implicações. Vejamos:

Com o intuito de compreender como é ser uma pessoa idosa na nossa sociedade contemporânea é que trazemos alguns elementos para este diálogo. O primeiro ponto importante é compreender que o envelhecimento é uma etapa do ciclo de vida, que faz parte do desenvolvimento natural do ser humano e, como toda fase, tem características biológicas, psicológicas e sociais específicas (CCI, 2019, p.3).

Nessa lógica, verificamos um exercício de alinhamento discursivo com as concepções cristalizadas nos estudos sobre envelhecimento, tal como aqueles propostos, pela OPAS, OMS e outras produções acadêmicas. Tornando ainda mais evidente ao reconhecer o envelhecimento, como um processo natural, determinado por fatores físicos, sociais, psicológicos e culturais (Beauvoir, 1990; Bortz, 1995; Minayo; Coimbra, 2002; Santos, 2013).

Silva (2019), ao discutir o bem-estar social na velhice, levou em conta o caráter multifacetado do envelhecimento, os seus aspectos heterogêneos e processuais e as limitações inerentes dos conceitos que descrevem o processo. Da mesma forma, Debia e Silveira (2019) compreendem que o processo absorve tantos os conceitos fundamentados nos aspectos biológicos quanto nos calcados nas questões sociais, que se influenciam mutuamente. Assim, a compreensão do envelhecimento e as ações direcionadas ao fenômeno requerem necessariamente o cambiamento de saberes de vários campos do conhecimento e um olhar multisetorial.

Ainda nesse movimento de externalizar o ponto de vista do locutor pela constatação, o sujeito enunciatador certifica que:

Estudos afirmam que os idosos que permanecem fisicamente ativos terão um envelhecimento mais saudável em comparação àqueles que não praticam exercício físico, tendo esses indivíduos sedentários uma maior probabilidade de manifestarem diversas patologias associadas, dentre elas, as que acometem o metabolismo ósseo (CCI, 2019, p. 7)

No excerto acima, o locutor utiliza da interdiscursividade para dar credibilidade e legitimar o seu discurso em prol da atividade física. Esse processo envolve a constituição de um discurso por meio da interação com outros (Charaudeau; Maingneau, 2016). Nessa perspectiva, pontuamos que a prática regular de atividade física vem sendo reiteradamente associada à manutenção da capacidade funcional, incrementando a QV (Debia; Silveira, 2019). Nessa mesma linha, Sánchez *et al.*, (2014) defendem a necessidade de que os indivíduos vivenciem experiências que favoreçam a autonomia, a saúde, a produtividade e a proteção ao longo da vida.

A relação entre atividade física e envelhecimento tem sido terreno fértil para os mais variados programas e, por vezes, é a principal ação nos grupos de convivência de idosos, configurando-se como uma “porta de entrada”. Entretanto, é preciso problematizar as contribuições da prática regular de atividade física, pois as propostas de atividades físicas para idosos, que visem exclusivamente melhores níveis de saúde, tendem a não ser exitosas, uma vez que lhes confere uma espécie de “superpoder” que não pode ser verificado no dia a dia (Piccolo, 2011). Para Piccolo (2011, p. 173) é urgente:

Romper com a concepção da atividade física como a única resposta que pode ser dada à complexa questão do envelhecer na sociedade, assim como relativizar as pesquisas nesta mesma área acadêmica, voltadas para o aprimoramento de habilidades motoras (pois aqui o objeto de estudo se torna mais a atividade do que o próprio sujeito) .

Nessa perspectiva, Carvalho e Nogueira (2016); Andrade *et al.*, (2017) e Moretti *et al.*, (2009) defendem que como forma de incentivar o engajamento nas atividades físicas, há muitas informações acerca dos seus benefícios, porém falta conhecimento que realmente transformem as práticas diárias dessas pessoas,

proporcionando autonomia e emancipação dos sujeitos. Aliás, os discursos sobre o sedentarismo e inatividade física culpabilizam as pessoas, enquanto deveriam se aprofundar e possibilitar o entendimento de que as políticas públicas devem ser pensadas para a promoção da atividade física regionalizada.

Entendemos que o modo narrativo tem como função de base “construir a sucessão de ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato” (Charaudeau, 2014, p. 75). Nesse estudo, o movimento de estruturação lógica do ato de comunicação, na organização do discurso, quando já na capa traz a imagem de um casal de idosos centralizada e, ainda, a logomarca do CCI no canto superior à direita (que repete em todas as páginas), seguido da apresentação da equipe do CCI (nome e respectivos cargos/funções); depois discorre sobre *o que é ser uma pessoa idosa*.

Na sequência traz o *depoimento de um idoso de setenta anos*, em seguida descreve o SCFV/CCI como local com competência para atuar na construção de uma boa velhice e, por fim, apresenta as atividades ali desenvolvidas, quando se evidencia o modo de organização narrativo. Frisamos que a descrição dessas atividades participa da construção de uma narrativa na qual o centro promove QV das pessoas idosas, pois teriam capacidade para atuar na autoestima, na autonomia e na participação social, conforme exemplificado a seguir: “as atividades direcionadas à pessoa idosa, em geral, devem contribuir para um processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de socialidade” (CCI, 2019, p. 5).

Acima verificamos a defesa de que as ações voltadas à pessoa idosa devem ser orientadas para a promoção de um envelhecimento ativo. Porém, a expressão “em geral” instaura a possibilidade de que nem todas as atividades consigam cumprir tal preceito. Além disso, denota o aspecto genérico da afirmação, pois deixa em aberto quais seriam essas atividades.

[...] tendo como resultado a troca de experiências e vivências pessoais, fortalecendo a identidade, autoestima e respeito mútuo permitindo a evolução emocional, estimulando a socialização, aliviando angústias e destacando as vivências positivas com o intuito de ressignificar experiências estimulando novas motivações, desenvolvendo capacidades e habilidades (CCI, 2019, p. 12).

Nesta avaliação do eixo de verdade, fundamentada em valores compartilhados por um grupo social, o “grupo de convivência” se apresenta com amplas possibilidades para atuação. Entretanto, convém problematizar até que ponto esses encontros semanais e em grupo poderiam agir em uma gama ampla e complexa de questões. Já o modo argumentativo, bem como suas estratégias, se manifesta no discurso do portfólio de várias maneiras: escolhas lexicais, recorrências de vocábulos, binarismos e imagens.

No desenrolar do texto/discurso, verificamos que os termos “envelhecimento” e “velhice” foram utilizados para descrever o processo de envelhecer e para demarcar a última etapa de desenvolvimento do ciclo de vida, respectivamente. Embora esses termos sejam constantemente utilizados para discutir o fenômeno do envelhecimento populacional, Costa (2015) pontua que envelhecimento inicia com o nascimento e finaliza com a morte, enquanto a velhice marca a etapa que antecede a morte, final da vida. Ainda que o Centro atue somente com os sujeitos que vivenciam a velhice, a utilização mais recorrente da expressão “envelhecimento” no discurso denota maior preocupação em falar do processo de envelhecer, em detrimento da última etapa do ciclo vital.

O Centro abraça a ideia de que as ações promotoras de QV para os indivíduos seriam benéficas em qualquer etapa da vida, inclusive na velhice, conforme defendido pela política do envelhecimento ativo da OMS, orientada para “aumentar a expectativa de uma vida saudável e a QV para todas as pessoas que estão envelhecendo [...]” (OMS, 2005, p. 13). Soares (2016) discorre sobre a necessidade de ações em busca de bem-estar físico, social e mental, durante o ciclo de vida para ampliar a expectativa de vida com saúde na velhice. Desse modo, o Centro atua para coibir o isolamento social, a inatividade e a perda de autonomia nesta etapa da vida.

Quanto à utilização dos léxicos “velho, idoso e terceira idade”, o sujeito enunciativo elegeu “idoso” para nomear a pessoa idosa. A opção por um desses termos revela a vinculação do enunciativo a determinadas representações sociais para expressar suas práticas sociais. Contudo, os termos “velho”, “idoso” e “terceira

idade” não são sinônimos, embora sirvam para designar sujeitos, no caso brasileiro, a partir dos 60 anos.

Debert (2007) reflete que a periodização da vida, as suas respectivas categorias de idade e as práticas relacionadas a cada uma das etapas da vida fazem parte de uma construção histórica e social. No Brasil, até 1960, as pessoas com 60 anos ou mais eram chamadas de velhas. Já ao final dessa década, sob influência europeia, essas pessoas passaram a ser nomeadas por idosas, desde que fossem detentoras de algum *status* social. Desde então “idoso” é usado em substituição a “velho”, como uma tentativa de distanciamento dos discursos sociais calcados nos imaginários sociodiscursivos que associavam o indivíduo e a velhice à decrepitude, falta de beleza, improdutividade e dependência.

A expressão “terceira idade” baseia-se em representações que associam a atividade e a independência a essa etapa da vida, denominando assim a pessoa idosa que se mantém ativa e independente (Peixoto, 2007; Charaudeau, 2017). O termo “velho” é associado às representações relacionadas ao feio e ruim, à carência e dependência, enquanto “idoso” se conecta aos imaginários nos quais a velhice não é tida como sinônimo de falta de recursos, retração social e inatividade, então, aparece como uma possibilidade de ressignificação do sujeito que envelhece (Marques, 2004; Charaudeau, 2017).

A opção por “idoso” em detrimento a “velho” faz parte de uma estratégia de distanciamento desses imaginários que reiteram a velhice principalmente pelo de viés das incapacidades e limitações. Logo, constatamos que a expressão “velho” só aparece no depoimento do idoso e em oposição a “idoso”, vejamos:

Idosa é uma pessoa que tem muita idade. Velha é a pessoa que perdeu a jovialidade. (...) O idoso tem planos. O velho tem saudades. O idoso curte o que resta da vida. O velho sofre o que o aproxima da morte. [...]. As rugas do idoso são bonitas porque foram marcadas pelo sorriso (CCI, 2019, p. 4).

As rugas do velho são feias porque foram vinculadas pela amargura (CCI, 2019, p. 4).

Em resumo, idoso e velho, são duas pessoas que até podem ter a mesma idade no cartório, mas têm idade bem diferente no coração. [...]. Se você é idoso, guarde a esperança de nunca ficar velho (CCI, 2019, p.4).

Nos trechos acima, os valores acordados na sociedade fundamentam a argumentação em defesa do “idoso” em detrimento do “velho”, no qual os argumentos são construídos levando-se em conta os domínios de avaliação da verdade, do estético, do ético, do hedônico e do pragmático (Charaudeau, 2014). Dessa forma, as diferenças entre um indivíduo idoso e um velho expressam avaliações a partir de um saber, do feio e do belo, do bem e do mal, do agradável e desagradável e da utilidade e da inutilidade, respectivamente relacionados aos domínios da verdade, do estético, do ético, hedônico e pragmático.

A avaliação sob o eixo estético é retratada em “as rugas do idoso são bonitas porque foram marcadas pelo sorriso” (CCI, 2019, p. 4). Já a sequência textual “o idoso curte o que resta da vida” (CCI, 2019, p. 4), exemplifica avaliações construídas a partir dos eixos hedônico e ético, respectivamente. Percebemos um investimento em relacionar o idoso a atributos como renovação, expectativa de futuro, atividade, beleza, alegria, já o velho traz a ideia de finitude, perdas, passado e amargura. Observa-se que a caracterização do velho se dá em contraponto à juventude, descrita como momento do ápice das capacidades físicas, intelectuais sociais e laborais e a velhice, por sua vez, representa o ocaso de tudo isso (Santos, 2015).

O discurso acima reitera mitos acerca da velhice e dos sujeitos envelhecidos, que foram aceitos como naturais na sociedade, incluindo: 1) a construção do lugar social do idoso demarcado pela inatividade, dependência, prevenção de doenças e infantilização; 2) a homogeneidade da velhice; 3) a relação entre velhice e doença; 4) a relação direta entre velho e obsolescência; e 5) velhice como problema. Assim, esses mitos constituem o fundamento para a reificação das representações sociais que envolvem esta categoria social. Nesse sentido, pontuamos que a experiência da velhice é singular e, como mencionado anteriormente, está inserida em um contexto sócio, histórico e cultural. Portanto, podemos encontrar idoso ativo, inativo, com

vida social intensa ou reclusa, dependente e independente, alegre, triste à depender do seu contexto.

Dantas (2017) coloca que, a rejeição da velhice é uma marca do tempo moderno. Independentemente da idade, os sujeitos não se identificam como velhos, velho é sempre o outro. Esse comportamento retrata o não enquadramento dos sujeitos às imagens da velhice presentes nos discursos sociais. Entendemos que as imagens apresentadas no documento vêm nesse mesmo sentido de reproduzir imagens cristalizadas (Figura 1) ao mesmo tempo que espelham um ideal de velhice (Figura 2) seja pelo corpo ou vestuário.

Na Figura 1, centralizada na capa do portfólio, aparece um casal de idosos que remete a uma experiência de velhice, na qual as formas femininas são apagadas por meio de um vestido que lhe cobre do pescoço até aproximadamente a altura dos pés, os cabelos brancos estão cobertos por um lenço, a visão é auxiliada por um par de óculos e os pés calçados por meias. Já o homem, apresenta-se um pouco mais alto que a mulher, traz um corpo avantajado, os poucos cabelos que lhe restaram estão brancos e igualmente usa óculos.

Figura 1 – Imagem da capa do portfólio



Fonte: CCI, 2019.

Na Figura 2, ainda é possível observar os cabelos brancos, os corpos obedecem à norma dos corpos magros, embora apagados do ponto vista da sexualidade, o vestuário foi atualizado e estão sentados sobre as iniciais que identificam o Centro.

Figura 2 – Logomarca do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para idosos.



Fonte: CCI, 2019.

Mesmo que a velhice seja demarcada pela presença de cabelos brancos, aumento de gordura, diminuição da massa muscular, algum declínio físico e a perda de valores estéticos, representá-la apenas por esse viés é negar toda a complexidade e subjetividade característicos do processo de envelhecimento. Ao tentar estabelecer um paralelo entre as duas figuras, observamos que na figura 2 houve um investimento para o afastamento da imagem naturalizada da pessoa idosa. Os idosos são sustentados pelas iniciais do Centro, o que levaria à interpretação de que o Centro pode atuar na construção desse “novo idoso”.

Observando os modos de encadeamento presentes no discurso, na construção do argumentativo verificamos a predominância das relações de causalidade e finalidade. Notamos uma relação de causalidade

ao vincular a prática do trabalho manual à melhoria do estado físico e mental. Este modo de encadeamento aparece constantemente no discurso, especialmente nas descrições das atividades, como meio de atuar favoravelmente no processo de envelhecimento.

Neste sentido, pontuamos que o processo de envelhecimento é multifatorial e, portanto, é marcado pela interação entre os fatores biológicos, sociais e culturais (Santos, 2013). Cada pessoa vai construir sua velhice de modo particular, não sendo possível verificar uma linearidade e um determinismo. Portanto, não há como garantir que toda pessoa idosa que se entregar à arte vai expressar suas ideias. Tal estratégia pode ter sido mobilizada para prescrever o que deve ser feito para alcançar uma boa velhice e, paralelamente, convencer o interlocutor de que o CCI se configura como um agente que pode influenciar positivamente no processo de envelhecimento e na velhice.

Na descrição das oficinas, palestras, confraternizações eventuais e atividades recreativas, observa-se uma relação argumentativa de finalidade, sendo as atividades apresentadas em conjunto com o que se espera de resultado. Isso pode ser evidenciado no fragmento a seguir:

As oficinas, palestras, as confraternizações eventuais e as atividades recreativas são basicamente estratégias para potencializar e qualificar as ações dos grupos do SCFV, assim como, tornar os encontros atrativos, de modo a favorecer o diálogo através da apresentação de temas a serem abordados junto aos usuários, visando sempre o alcance dos objetivos esperados nos grupos, e colaborando para a construção social e cultural de todos os envolvidos (CCI, 2019, p. 19).

Para a promoção do EA, é necessário que as ações contemplem atividades na saúde, educação, segurança e participação social (OMS, 2005). Para tanto, deve ser construído um ambiente que também seja possível exercitar a interação, o diálogo e a participação. Neste sentido, é importante que os idosos também participem do planejamento do Centro. Mais do que informá-los sobre as temáticas a serem abordadas, é salutar que tomem parte no processo, conforme apontado por Soares (2016).

A argumentação foi principalmente construída em função da causalidade orientada da causa para consequência, a dedução, e também na orientação da consequência para a causa, a explicação. Pois, a narrativa construída foi mobilizada ora para mostrar que uma boa experiência de velhice é alcançada a partir de determinados comportamentos, ora para destacar que determinados estilos de vida promovem um envelhecimento com QV, reconhecendo o centro como um agente importante no processo.

A atividade física assume um papel central nos argumentos apresentados no portfólio do CCI. No excerto “a prática de capoeira como atividade física é eficaz para trazer benefícios a seus praticantes, tais como: redução de massa gorda e aumento de massa magra” (CCI, 2019, p. 6), verificamos a dedução, pois a capoeira vai resultar em melhores níveis de percentual de gordura e de músculos. A dedução pode ser por silogismo, quando utiliza a modalidade “necessidade”; pode ser pragmática, por meio da modalidade “necessário”; por cálculo, quando o vínculo modal está na esfera da probabilidade e finalmente pode ser condicional, por meio da vinculação da possibilidade ou da necessidade, permitindo a generalização ou particularização (Charaudeau, 2014).

Assim temos que o sujeito enunciator, utiliza da dedução para inferir que a atividade física mediada pela música pode favorecer a manutenção das atividades da vida diária do sujeito que envelhece, neste caso a dedução é por cálculo, vejamos:

A atividade física com música pode criar um contexto positivo e agradável e, dessa maneira, tornar-se uma intervenção adequada para que permaneçam em atividade (CCI, 2019, p.9)

Em outra passagem no discurso, a dedução pragmática, é utilizada para demonstrar a relação de causa e consequência entre atividade física e saúde, no contexto do envelhecimento:

Assim é importante conscientizar que a atividade física na terceira idade é muito

importante para a rotina dos idosos, pois colabora com sua saúde, agindo sobre o envelhecimento, e evitando muitas vezes a sua limitação funcional (CCI, 2019, p.8).

Percebemos que, o enunciador recorre reiteradas vezes à prática da atividade física como forma de se obter bons índices de saúde e a uma boa experiência de velhice. Da mesma forma, Azevedo (2015) constatou o predomínio da atividade física nas ações promotoras do envelhecimento ativo. Assim, destacamos que a atividade física é protagonista na promoção do EA e saudável, no entanto, há que se considerar as possíveis limitações do idoso e do ambiente, ou ainda a necessidade de um Educador Físico para planejar as atividades de acordo com as características do grupo.

O modo de raciocínio explicação pode se apresentar por silogismo, pragmática, por cálculo e hipotética. Esse modo tem comportamento similar à dedução, mas a orientação é da consequência para a causa (Charaudeau, 2014), como ilustrado a seguir pelo trecho do portfólio em questão “[...] para enfatizar o desenvolvimento pessoal dos integrantes do CCI (Centro de Referência do Idoso), são oferecidas oficinas de esporte e lazer[...]” (CCI, 2019, p. 5).

Ainda, no modo explicativo, é possível notar em trechos nos quais o enunciador relaciona a limitação do idoso (consequência) às alterações (causa) ou ainda ao relacionar, pela vinculação modal da necessidade, o envelhecimento saudável (consequência) à prática de exercícios físicos (causa). No primeiro caso, temos a explicação por silogismo e no segundo por pragmatismo. Vejamos: “idoso tem suas habilidades limitadas devido às mudanças físicas e emocionais” [...] (CCI, 2019, p.7) e “Para ter um envelhecimento saudável, é necessário praticar exercícios físicos regulares” (CCI, 2019, p.9). Apesar de na velhice haver maior probabilidade de intercorrências no nível de saúde, a compreensão desta etapa da vida não pode estar diretamente relacionada às incapacidades e limitações físicas.

O processo de envelhecimento é um fenômeno biopsicossocial, o que equivale dizer que em cada indivíduo, dentro da sua subjetividade, será construído de maneira particular (Santos; Tonhom; Komatsu, 2016). As mudanças físicas e, ou emocionais podem atuar de acordo com a capacidade de reagir frente aos desafios, a resiliência, também explicada pela subjetividade de cada sujeito que vivencia o processo de envelhecimento e a velhice (CILB, 2015).

4 Conclusão

A análise do portfólio evidencia as contradições presentes nas discussões acerca do envelhecimento na sociedade. O discurso reconhece, compreende e dá voz às concepções de envelhecimento e velhice veiculados em artigos científicos, em legislação nacional brasileira e pelos organismos como OPAS e OMS. Contudo, também recorre aos discursos produzidos no cotidiano, fundamentados nos saberes de crença, os quais refletem um conceito do envelhecimento que não considera o seu aspecto biopsicossocial e multifatorial.

Da mesma forma, a atividade física aparece no discurso como forma de aplacar o sedentarismo, melhorar os níveis de saúde e até combater determinadas “moléstias”, o que denota uma simplificação do discurso da atividade física, dado que ela é apenas um dos constituintes da QV. Também, revela uma visão superficial das particularidades inerentes à prática, pois é necessário observar os diferentes aspectos dos indivíduos, tais como a relação com as práticas corporais, a cultura da atividade física em que se está inserido, o tempo e os espaços disponíveis, a presença ou não de comprometimento neurofisiológico.

Nesse sentido, sentimos falta de um posicionamento mais crítico, pois embora haja a concepção de que a prática regular da atividade física contribua para uma boa velhice, o Centro não conta com um profissional da área no seu quadro de funcionários, o que pode levar a uma prática eficaz para a socialização, mas pouco eficaz para se obter o envelhecimento saudável, na perspectiva física. Desse modo, o portfólio contribui para construção de um discurso no qual o envelhecimento e a velhice são ressignificados por meio da socialização, oportunidades de aprendizado, prática do lazer e atividades físicas e culturais, distribuídos nas diversas oficinas e espaços educativos, como: aula de bordados e pinturas, curso de alfabetização, salas de jogos (tabuleiro, baralho e sinuca), aula de ginástica, capoeira, dança, passeios, sessões de cinema.

Igualmente, reproduz um discurso social da velhice e envelhecimento no qual ainda ecoam imaginários sociodiscursivos caracterizados pela doença, dependência, isolamento social, incapacidade, inatividade, perdas e um apagamento da dimensão heterogênea e particular da experiência da velhice. Nesse sentido emerge a ideia de que a boa velhice é aquela mais próxima possível da juventude. Ainda, pontuamos que a convivência, por si só, não garante o desenvolvimento de habilidades necessárias para imprimir QV, pois é na convivência que os sujeitos se constituem a partir do compartilhamento de experiências. E nesse exercício de partilha de saberes há possibilidade de surgir conflitos que podem influenciar tanto positiva como negativamente.

Para que o serviço qualifique a experiência de envelhecer é necessário que as atividades proporcionem a interação social, o envelhecimento ativo e saudável de forma que os indivíduos desenvolvam habilidades para gerir a própria vida. O Centro de Convivência do Idoso de uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais, trabalhado nesta pesquisa, poderia ter uma ação mais efetiva na desconstrução de representações estereotipadas do envelhecimento, a partir de um planejamento de atividades, no qual o lugar social da pessoa idosa, não estejam necessariamente atreladas à inatividade, dependência, doenças, infantilização e obsolescência.

E, por fim, concluímos que o discurso construído sobre o envelhecimento e velhice envolve práticas que promovem o envelhecimento ativo, por meio de ações voltadas, principalmente para educação, saúde e participação.

Referências

ANDRADE, Sabrina Raquel de Lima; MARQUES, Aline Albuquerque; RODRIGUES, Ana Clécia Silva Ferreira; FREITAS, Neires Alves; SILVA, André Luis Façanha. Práticas corporais como tecnologia social na estratégia saúde da família. **Conexões**, Campinas, SP, v. 15, n. 3, p. 380, set. 2017.

AZEVEDO, Marta Sofia Adães. **O Envelhecimento ativo e a qualidade de vida**: Uma Revisão integrativa. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Comunitária) - Escola Superior de Enfermagem do Porto, Porto, 2015.

BARBOSA, Lara de Melo; NORONHA, Kenya; SPYRIDES, Maria Helena Constantino; ARAÚJO, Cristiane Alessandra Domingos de. Qualidade de vida relacionada à saúde dos cuidadores formais de idosos institucionalizados em Natal, Rio Grande do Norte. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 34, n. 2, p. 391-414, set. 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BORTZ, Walter M. **Viva mais de cem anos**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto promoção da saúde. **As cartas de promoção da saúde**. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2002. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf. Acesso em: 20 jul. 2018.

BRASIL. Ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Orientações Técnicas sobre o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas. Brasília: MDS, SNAS, 2012. Disponível em: <https://craspsicologia.files.wordpress.com/2013/09/orientacoes-tecnicas-do-scfv-para-pessoas-idosas.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé. Práticas corporais e atividades físicas na perspectiva da Promoção da Saúde na Atenção Básica. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1829-1838, June 2016.

CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL (CILB). **Envelhecimento Ativo**: um marco político em resposta à revolução da longevidade. Rio de Janeiro: Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015. Disponível em: https://prceu.usp.br/usp60/wp-content/uploads/2017/07/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Politico-ILC-Brasil_web.pdf. Acesso em: 20 jul. 2018.

COSTA, Joice Sousa. **Velhice, ideologia e crítica**: uma análise sobre a participação, protagonismo e empoderamento dos (as) velhos (as) nos espaços. 2015. 168 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista. Franca. 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ilda L.; MELLO, Renato de. (Orgs.). **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: FAE/UFMG, p. 23-38, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida. L.; GAVAZZI, Sigrid. (Orgs.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M.S. Corrêa. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução Fabiana Komesu (*et al.*). 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**, Fortaleza - Ceará, v. 7, n. 1, p. 571-591, 2017.

DANTAS, Sílvia Góis. O envelhecimento na tela: o discurso da velhice ativa em programas de TV e documentários. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 6, n 1, p. 101-114, ago. 2017.

DEBERT, Guita G. Antropologia e os estudos dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam M. L. **Velhice ou terceira idade**: estudos antropológicos sobre a identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 49-67.

DEBIA, Nicole; SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz. Indicadores socioculturais e histórias de vida de idosos longevos: heterogeneidade e ressignificações de hábitos na velhice. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 291-305, 2019.

FELIX, Jorgemar Soares. Economia da Longevidade, Gerontecnologia e o complexo econômico-industrial da saúde no Brasil: uma leitura novo desenvolvimentista. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 107-130, 2018.

GIÜNTA, Nancy; MORANO, Carmen; PARIKH, Nina S.; FRIEDMAN, Dana; FAHS, Marianne C.; GALLO, William T. Racial and Ethnic Diversity in Senior Centers: Comparing Participant Characteristics in More and Less Multicultural Settings. **Journal of Gerontological Social Work**, v. 55, n. 6, p. 467-483, 2012.

GONÇALVES, Cidália Domingues. Envelhecimento bem-sucedido, envelhecimento produtivo e envelhecimento ativo: reflexões. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 645-657, 2015.

MARQUES, Ana Maria. Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 83-92, jan. 2004.

MARTINS, Rita de Cássia Cabral de Campos; CASETTO, Sidnei José; GUERRA, Ricardo Luís Fernandes. Mudanças na qualidade de vida: a experiência de idosas em uma universidade aberta à terceira idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 1-11, nov. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos. E. A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MORETTI, Andrezza C.; ALMEIDA, Vanessa; WESTPHAL, Márcia Faria; BÓGUS, Claudia M. Práticas corporais/atividade física e políticas públicas de promoção da saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 346-354, jun. 2009.

MOURA, Maria MarthaDuque de; VERAS, Renato Peixoto. Acompanhamento do envelhecimento humano em centro de convivência. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 19-39, jan. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Perspectivas Mundiais de População 2019: Destaques**. Nações Unidas, 2019. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/83427-populacao-mundial-deve-chegar-97-bilhoes-de-pessoas-em-2050-diz-relatorio-da-onu>. Acesso em: 10 set. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde/World Health Organization**: Trad. Suzana Gontijo. Brasília: Organização Mundial Pan-Americana de Saúde, 2005, 13p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre o envelhecimento e saúde**. Genebra, 2015. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf;jsessionid=A7A4CED7EBFE9F346547DB66B7AAC983?sequence=. Acesso em: 21 abr. 2018.

PEDRO, Wilson José Alves. Processos de envelhecimento em Portugal. Usos do tempo, redes sociais e condições de vida. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 331-334, jun. 2013.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Myriam M. L. (Org.) **Velhice ou terceira idade: estudos antropológicos sobre a identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007, p.69-94.

PICCOLO, Gustavo Martins. Os caminhos dialéticos do envelhecimento e sua relação com a educação física contemporânea. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 169-177, mar. 2011.

SÁNCHEZ, E. Sanchis; CAMACHO, C. Igual; FRUTOS, J. Sánchez; IGUAL, M. C. Blasco. Estrategias de envejecimiento activo: revisión bibliográfica. **Fisioterapia**, v. 36, n. 4, p. 177-186, jul. 2014.

SANTOS, Julianin Araújo. **Tornar-se “velha”**: significados de velhice para mulheres idosas na cidade de Salvador – Bahia. 2015. 259f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SANTOS, Simone de Carvalho; TONHOM, Sílvia Franco da Rocha; KOMATSU, Ricardo Shoiti. Saúde do idoso: reflexões acerca da integralidade do cuidado. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 29, n. 1, p. 118-127, dez. 2016.

SANTOS, Tarcimeri Serpa dos. **Envelhecimento da população em Pontal do Paraná**: proposições para o avanço da política local à pessoa idosa. 2013. 25 f. Monografia (Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2013.

SILVA, Talita Oliveira. **O bem estar social no envelhecimento**: estudo de caso em um centro de convivência em Brasília. 2019. 105f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social Aplicada) - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal, 2019.

SOARES, Maria da Guia Lopes Gonçalves. **Representações sociais do envelhecimento ativo**. 2016. 112f. Dissertação (Mestrado em intervenção comunitária área de especialização em contextos de risco) - Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, Portugal, 2016.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 4, dez. 2008.

VERAS, Renato Peixoto. Prevenção de doenças em idosos: os equívocos dos atuais modelos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 10, p. 1834-1840, out. 2012.

YAMAGUCHI, Marianna Barbosa; SILVA, Juliana da; LINS, Cristiane Lopes; CONCEIÇÃO, Maria Francisca da; OLIVEIRA, Sidineia Santos de; CAMASMIE, Adriana; CHADE, Leila Darcy. Perfil dos Idosos do Centro-dia para Idosos “A Mão Branca”. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 393-405, 2018.

YAMAMOTO, Cintia Missue Kitano. **Promoção da saúde do idoso**: revisão de literatura brasileira. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2010.

Submissão: 14/07/2022

Aceite: 04/12/2023

Como citar o artigo:

GOMES, Ivani Soleira et al. O discurso da velhice e do envelhecimento de um Centro de Convivência do Idoso em um município da Zona da Mata de Minas Gerais. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 29, e125904, 2024. DOI: 10.22456/2316-2171.125904

